



## EDITORIAL

### POR QUE PERGUNTAR?

Pedro Henrique Mendonça Fernandes <sup>1</sup>

A sociedade da informação em que vivemos está sempre ávida a nos oferecer suas respostas. À distância de um clique, têm-se acesso a uma enxurrada de pixels e de caracteres que pretendem abarrotar o consumidor de conteúdos múltiplos. Chamam a isso justamente de divulgação de conteúdo, parte de uma escala que envolve também a produção e o consumo. Aqui, poderíamos dizer que é a produção e divulgação de respostas para serem consumidas por alguém. Mas, há respostas se não houver perguntas? Seria o caso de perguntar quem nasceu primeiro, como na conturbada relação entre o ovo e a galinha?

As tantas informações que nos são oferecidas, especialmente a partir do advento e popularização dos meios digitais de comunicação, criam a sensação de que há muita coisa para saber e é preciso saber de tudo, sob o risco de cair na ignorância, ou pior ainda, na desconexão. São respostas para perguntas que a pessoa ainda não se fez e que, no ritmo frenético das redes, muitas vezes, nem dará tempo de que ela as faça. Consume-se a resposta, sem nem ter feito a pergunta. É a lógica do mercado: cria-se o produto e, depois, incute-se no consumidor a necessidade dele.

Nesse cenário em que primeiro se produz a resposta para depois se atentar para a pergunta, abre-se espaço para uma produção vazia de informações, fruto de repetições do que já foi dito ou de criações infundadas de seus produtores. São as condições perfeitas de temperatura e pressão para a reprodução das *fake news* e também das *fake science*. Notícias falsas e conteúdos falsamente chamados de científicos seguem essa lógica da produção industrial de conteúdo, com direito a espaço para a pirataria e a falta de controle de qualidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela UNIFAL-MG. Especialista em Catequética (PUC Minas), Ensino Religioso (São Luís) e Aconselhamento Filosófico (Claretiano). Graduado em Filosofia (UFSJ), Pedagogia (UNIFACVEST) e História (Claretiano). Professor de Filosofia da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais e professor e coordenador do curso de Filosofia do Instituto Filosófico São José da Diocese da Campanha e editor responsável da revista Ratio Integralis.

E qual seria a solução para isso? Responder de imediato a essa pergunta, seria entrar de cheio nesse círculo vicioso da informação, oferecendo um caminho simplista, irrefletido e pretensamente indiscutível para uma questão tão complexa como essa. Entretanto, essa pergunta nos aponta em si mesma uma direção para buscar sua resposta: questionar. Lançar mão de uma pergunta diante de um conteúdo/resposta que lhe é “gratuitamente” apresentado é uma alternativa valiosa para quebrar essa corrente de desinformação e pseudociência.

Uma resposta ruim pode se abalar diante de uma boa pergunta. É isso que tem movido a filosofia, a ciência e, porque não, a humanidade ao longo de milênios. Uma série de perguntas propostas desde as civilizações antigas persistem ainda hoje, fomentando a investigação. Elas sim são autênticas propulsoras do saber, do conhecimento que não pretende se apregoar como irrefutável ou como tábua de salvação.

Perguntar é próprio da humanidade. Conforme afirma Muraro (2015, p. 7) “(...) o ser humano não é apenas um *homo faber*, mas um *homo interrogemus*, homem pergunta.”<sup>2</sup> Não é um homem da pergunta, nem tampouco um homem que pergunta. É um ser que tem a possibilidade de ver o mundo a partir do viés da pergunta, de fazer-se pergunta, colocando-se diante da realidade com o estranhamento próprio de quem interroga e deseja saber mais sobre o assunto em questão.

Uma boa reflexão filosófica ou uma boa pesquisa científica qualificam-se por serem provocadas por um problema. Sua relevância se dá porque são uma problematização da realidade, uma desnaturalização do cotidiano, uma busca constante por melhores explicações para os dilemas com os quais o homem se depara interna e externamente.

O frenesi da sociedade do consumo e da informação não suporta a pergunta uma vez que ela suspende, mesmo que por um instante o juízo. A pausa questionadora custa caro, porque gasta tempo, o mesmo tempo que permite os processos de aprofundamento da informação recebida, decantação dos dejetos que ela venha a possuir e discernimento acerca de consumi-la ou não. Talvez esteja aí o elixir que dá vida tão longa a muitas perguntas: elas se alimentam de tempo.

A filosofia e a ciência continuam seu percurso porque são atividades perguntadoras, sinais da humanidade que as produz. Se recusam a ser atividades apressadas; preferem gastar tempo. E porque são assim, ajudam-nos a perceber que não há respostas sem perguntas, embora queiram aparentar que o sejam. Afinal, mesmo toda essa chuva de conteúdo para o consumo

---

<sup>2</sup> MURARO, D. N. A pergunta como potência da filosofia e da educação. ACTAS, v. 3, p. 1-17, 2015. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/169>.

que se produz responde a um anseio, responde a alguma pergunta. O combate às *fake news* e às *fake science* passa por usar conscientemente dessa dimensão humana e questionar: a quem e a que perguntas essas respostas pretendem servir? Sigamos a perguntar.